



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 2 - Ano 1 - Nº 2 - Julho / 2013

ISSN 2317-8612

2. METODOLOGIAS INTEGRATIVAS: ABRINDO NOVOS CAMINHOS PARA A CRIAÇÃO COLETIVA NA GESTÃO SOCIAL

Maria Suzana Moura*

RESUMO

Trazemos aqui uma narrativa e reflexão sobre o tema das Metodologias Integrativas com base no que temos vivenciado com grupos na universidade e em outros contextos. A nossa intenção é abrir o diálogo sobre as possibilidades de gerarmos coletivamente “novos” conhecimentos, nas salas de aula e em ambientes de gestão social, a partir da “religação de várias dimensões” do ser humano, incluindo o contato com o corpo e o deixar vir o sensível e o intuitivo. A narrativa está estruturada da seguinte forma: após a introdução descrevemos o modo como temos abordado o tema das Metodologias Integrativas (MI) na sala de aula e nas oficinas fora da universidade, o que denominamos nesta narrativa de trilha; em seguida tecemos um breve diálogo entre as definições geradas nos grupos com os quais temos trabalhado e o conceito de MI que encontramos em Gianella (2008) e Gianella e Moura (2009), momento em que podemos ver as convergências e o conhecimento novo gerado; encerramos a narrativa com algumas considerações visando o aprofundamento da reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias Integrativas, Gestão Social

* **Maria Suzana Moura** - Doutora em Administração Pública pela Universidade Federal da Bahia. Formação complementar em Dinâmica Energética do Psiquismo e Técnicas de Yoga para Educação. Professora Associada da UFBA. Integrante do Grupo de Pesquisa Paideia - Laboratório de Pesquisa e Extensão sobre Metodologias Integrativas na Educação e Gestão Social.

ABERTURA AO DIÁLOGO

A percepção da gestão social enquanto liderança coletiva nos remete a uma vontade partilhada por muitos que vivenciam este campo¹ - a aprendizagem e a prática de valores emancipatórios (solidariedade, cooperação, justiça, respeito à diferença, democracia participativa e zelo com a vida) no próprio processo de gestão; onde quer que esta se realize, em organizações da sociedade civil, estatais, empreendimentos econômicos, territórios, redes colaborativas, entre outras (Moura, Moura e Calil, 2009).

Podemos dizer que a prática dessa gestão social requer metodologias que estimulem o diálogo, o reconhecimento e respeito das diversidades; que fortaleçam as capacidades de escuta e fala integradas, e de (cri)ação coletiva de planos, projetos e ações de desenvolvimento eco-socio-territorial. Trata-se de uma mudança significativa frente aos modelos de gestão dominantes, baseados na hierarquia, nas tomadas de decisão centralizadas e na separação entre quem decide e quem executa. Observando muitas das nossas reuniões e salas de aula vamos nos deparar com pessoas presentes ausentes, um ou poucos falando, reproduzindo a verticalidade e as relações de mando obediência e absenteísmo. Isso tende a acontecer, inclusive, nos processos participativos.

A esse respeito, Gianella (2008) nos fala da necessária virada paradigmática frente aos dilemas que se apresentam nos processos participativos, na medida em que se mostram insuficientes os códigos tecnocientíficos baseados, essencialmente, na racionalidade lógico-analítica-verbal. Virada paradigmática que pode ser propiciada pela integração, no âmbito da formação e da gestão, de dimensões esquecidas do humano, do ser fazer humano – corpo, emoção, intuição, arteÉ aqui que encontramos um campo fértil para dialogar sobre as experimentações que muitos de nós temos trilhado – o campo das

Metodologias Integrativas. E é deste lugar que falamos e que tecemos as experiências que propiciaram a narrativa/reflexão que segue, sendo este um convite ao diálogo.

As experiências que vamos abordar aqui são duas oficinas sobre Metodologias Integrativas² e uma atividade em sala de aula na universidade³; embebidas pelas vivências anteriores com estudantes da graduação e da pós graduação, desde 2008. Tais experiências têm evidenciado o quão fecunda é a conexão com a nossa natureza mais próxima, o nosso corpo, aliada a interação das pessoas e a disposição das cadeiras em círculos. Esses dois elementos de conexão pessoal e coletiva propiciam um caminho de encontro com o sensível e o intuitivo e de mobilização das pessoas para a produção compartilhada do conhecimento, para criar coletivamente.

E como isso acontece? Através de diferentes chaves: toques, movimentos corporais, respiração, sons, ativação dos sentidos no contato com a natureza exterior a nós; integração de múltiplas linguagens de percepção e expressão, olhar e partilha com o outro e com o coletivo, entre outras dinâmicas de grupo.

Com base nesse tipo de dinâmica, temos observado a emergência de campos de unidade e (in)formação que favorecem a mudança de percepção sobre nós mesmos e o nosso entorno e, também, a co-criação coletiva. Este é um ponto que merece ser aprofundado no âmbito das metodologias integrativas, sendo este ensaio um passo nessa direção.

Vejamos, então, o caminho que temos trilhado com os grupos para deixar vir as percepções sobre o que são Metodologias Integrativas (ou quaisquer outros temas), sem nenhuma leitura ou exposição prévia sobre o tema.

A TRILHA Ponto de Partida

- 2 Falamos, especificamente, da oficina realizada em outubro de 2011 a pedido dos integrantes do Programa Eco bairro do Instituto Roerich de Salvador, e a realizada em março de 2012 no Fórum Nacional de Educação Ambiental, também em Salvador/BA
- 3 Na graduação e na pós-graduação Encontro com estudantes da graduação sobre o tema das MI, em abril de 2012

1 A Gestão Social é um campo de práticas diversas, antigas e novas, que vem se constituindo como campo de conhecimento, que se manifesta, entre outros, através de cursos de graduação e pós graduação e do Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social, que acontece desde 2007. Encontramos nos anais desses encontros um amplo debate conceitual sobre Gestão Social, mas este não é nosso objetivo aqui.

Um ambiente harmonizado e que favoreça a interação é um dos elementos básicos que caracteriza o campo das MI. Um passo é colocar as cadeiras (ou almofadas, ou bancos...) em círculo, seja numa sala na universidade, ou num centro de convenções, ou, ainda, em uma varanda e um jardim. O centro pode ser constituído com um ou mais objetos ou, simplesmente, com um papel onde escrevemos/desenhamos o tema, para ajudar na formação do círculo e na coesão do grupo.

A chegada das pessoas vai compondo o cenário e, a depender da hora e do ânimo que chegam, podemos dispor de um ou mais recursos para auxiliar no despertar das pessoas e na criação de um ambiente mais harmonizado, a exemplo da utilização de músicas apropriadas e de essências aromáticas (óleo essencial de laranja doce, de tangerina ...) ⁴.

“À medida que as pessoas iam chegando sentiam o cheiro, olhavam, e recebiam uma gota da essência na mão, ativando o olfato de forma prazerosa” ⁵.

O encontro (a oficina, a aula ...) inicia no momento em que as pessoas vão chegando, inclusive pelas interações que vão acontecendo.

O Corpo, Ativando a Presença

Estando todos aconchegados partimos para reafirmar porque estamos ali e, conforme o grupo, para a apresentação dos participantes. Expressar o nome ou outra informação é mais um passo para que as pessoas se tornem presentes, no momento presente. No entanto, não é suficiente.

Nesta parte da trilha resgatamos uma das dimensões esquecidas de nós nos ambientes da educação, da administração..., ou seja, o nosso corpo que é a Natureza mais próxima de nós. Este é outro passo fundamental para ativar o sensível e o intuitivo e expandir a nossa Presença. Para isso convidamos as pessoas a uma prática corporal: auto massagem, alongamento, respiração, caminhada, dança,

movimentos livres ou outros que permitam trazer a consciência para o momento presente e para as sensações de conforto, desconforto, conforto. Este é um portal para adentrar, em seguida, ao tema.

“Fomos para o corredor onde fizemos um grande círculo ovalado e realizamos um exercício de desbloqueio, revitalização e percepção dos meridianos, baseado no Chi Kung ⁶. Damos seguimento no despertar da sensibilidade e conexão com a Teia da Vida em cada um de nós, solicitando para cada um tocar na superfície do corpo, sentir o interior e fazer movimentos que normalmente não faz; percorrendo uma trilha de reconhecimento desta Natureza mais próxima; percebendo sensações e sentimentos (os vários sentidos foram sendo ativados desde o início da oficina)” ⁷.

“Fomos conduzidos a tomar consciência corporal, fazendo movimentos de auto massagem e de alongamento, para depois sairmos andando pela grama a fim de, à medida que andávamos, fazer reflexão sobre o tema Metodologias Integrativas – foram sendo dados comandos para parar e compartilhar com a primeira que encontrasse a sua frente” ⁸

Tanto nas oficinas, como na sala de aula, temos percebido que este tipo de prática permite criar **um campo de unidade, um campo fecundo para o fluir da intuição e de outros níveis de percepção**. Após uma breve pausa no processo de caminhada introduzimos uma pergunta, por exemplo: O que são as Metodologias Integrativas?

“Vamos caminhar e sentir que estamos adentrando num campo de informação sutil das MI. Qual a palavra, frase ou imagem que vem quando perguntamos – o que são as MI?”

Deixando Fluir a Intuição, Co-Criando

As percepções geradas em cada um dos participantes podem ser compartilhadas no encontro com uma ou duas pessoas e/ou registradas no papel. É interessante quando

⁴ Óleo essencial de laranja doce e de tangerina podem ser encontrados em lojas de produtos naturais

⁵ Relato da oficina realizada no Fórum Nacional de Educação Ambiental (março/2012)

Revista Transdisciplinar – Vol. 2 - Ano 1 - Nº 2 - Julho / 2013

⁶ Exercícios de harmonização e desbloqueio que permite o fluir da energia vital – parte dos ensinamentos da medicina tradicional chinesa.

⁷ Ver nota 4

⁸ Relato da Oficina realizada em outubro de 2011 com integrantes do Ecobairro/Instituto Roerich (Salvador)

dispomos de lápis e pincéis de várias cores, pois estimula a expressão. A depender do tamanho do grupo podemos registrar em um único papel (tipo papel metro) ou em folhas individuais (tipo A4).

“Após estes momentos fomos solicitados a registrar, em um papel metro comum, as imagens e palavras que vieram e que foram partilhadas (uma mandala conceitual). E, na sequência, fomos convidados a observar a mandala e escrever uma definição do nosso novo entendimento sobre Metodologias Integrativas”⁹

Os registros individuais levam a tecitura de uma espécie de mandala conceitual¹⁰, que integra as percepções de cada pessoa sobre o tema, em forma de palavras, frases, símbolos e outras imagens. Ao observarmos o conjunto dos registros (em um único papel ou nos papeis individuais dispostos em círculo no chão) os participantes são estimulados a fazer conexões e sínteses. **Este é um caminho para elaboração coletiva do conhecimento que integra o sensível, o intuitivo e o intelecto**

É interessante observar que os movimentos corporais anteriores focados no sensorial e no sentimento, assim como o posicionamento em círculos, têm o potencial de gerar um campo fecundo para a primeira aproximação com o tema. As percepções intuitivas geradas nas oficinas e na sala de aula, quando se faz a pergunta “o que são as Metodologias Integrativas”, tem convergido em alguns aspectos: integração em vários níveis, do pessoal ao coletivo; o poder de pacificação; a presença da arte e do lúdico; entre outros. Todos são aspectos do campo das MI.

Um grande desafio que temos encontrado é a tecitura de uma síntese coletiva que integre o sensorial, o sentimento, a intuição e o conhecimento prévio, sem que a nossa maneira corriqueira de pensar/falar, lógica e analítica, domine a cena. Nos grupos procuramos chamar a atenção para este ponto. Uma possibilidade é iniciar com uma breve síntese do que observamos dos registros e, a partir daí, as pessoas agregam e criam outras sínteses. Outra possibilidade é a elaboração individual de definições a partir

do observado por cada pessoa e, posteriormente, a reunião em pequenos grupos para gerar novos significados.

SIGNIFICADOS GERADOS NAS OFICINAS

As definições elaboradas como síntese verbal nos subgrupos, em cada uma das vivências, nos revelam convergências com o conceito que encontramos em Gianella (2008) e em Gianella e Moura (2009) a respeito das Metodologias Integrativas e, ao mesmo tempo, trazem aspectos que agregam ao conhecimento já sistematizado. É interessante observar que isso acontece sem que as pessoas tenham lido anteriormente sobre o tema.

Em Gianella e Moura (2009, p.6) encontramos que as MI *“visam propiciar a produção do conhecimento interativo, (...) pretendem valorizar as competências reais dos sujeitos envolvidos em cada processo e mobilizar na esfera pública toda riqueza do humano (...).”*

E mais, *“São meios que nos levam a integrar as nossas múltiplas inteligências, como, por exemplo, a analítico racional com a estética, a intuitiva, a sensível (...).”* (idem)

Neste campo, o *“Recurso às artes e ao lúdico são instrumentos potencialmente poderosos, porque tocam teclas, despertam e legitimam sensibilidades outras com respeito àquelas puramente racionais.”*(idem)

Ainda com as autoras temos que *“o respirar, o movimentar-se, o tocar-se ... são recursos que nos ajudam a relaxar, a nos centrarmos, a nos mantermos mais inteiros, um caminho para integrarmos pensamento, sentimento, ação, para integrarmos a percepção sensorial no processo de ensino-aprendizagem e de gestão social”* (idem, p. 23 e 24)

A seguir destacamos as sínteses elaboradas nos eventos aqui relatados e, como veremos adiante, encontramos muitos pontos de contato com as definições acima e alguns acréscimos que vem enriquecer este campo de conhecimento e práticas.

Sínteses elaboradas pelos subgrupos na oficina de outubro de 2011

“Metodologias Integrativas são “ferramentas” (recursos) simples e naturais que trabalham o corpo, a mente e o espírito, criando um caminho de integração do ser nos âmbitos individual e coletivos (na teia da vida/na

9 Ver nota 7

10 Uma das técnicas que utilizamos na formação do RYE (Rede de Investigação sobre Yoga na Educação).

natureza). *Tais metodologias possibilitam a troca de saberes, resgatam a sabedoria dos círculos e abrem para espirais de consciência e síntese. Fortalecem os vínculos de cooperação e comunhão com o sagrado, chamando o SER para a Presença no aqui e agora, através do diálogo, da escuta ativa, do ancoramento e alinhamento.*

“Após vivenciar várias metodologias e experiências, o ser humano, no seu caminho evolutivo em direção ao centro de si mesmo e ao processo de percepção da unidade, busca um caminho de reintegração do corpo mente e espírito, se integra ao todo, formando grandes redes interconectadas espiralizadas numa forma de viver; através da união, harmonia, acolhimento, solidariedade, iluminação e paz...”

Não é nossa intenção aqui aprofundar a análise das definições acima. Queremos destacar o fato de que, sem leitura prévia ou qualquer exposição sobre o tema, os grupos criaram sínteses a partir das percepções individuais, que convergem e acrescentam ao conceito de Metodologias Integrativas, conforme as autoras citadas trazem. Este fato nos coloca diante de um potencial de construção coletiva do conhecimento quando integramos o sensível e o intuitivo tendo como elementos catalisadores a observação e movimentos corporais, o posicionamento do grupo em círculo, as artes e o lúdico.

Vamos seguir adiante com o registro das sínteses elaboradas pelos subgrupos na oficina de março de 2012

“Metodologias Integrativas constituem um campo de Sabedoria-legítima, com poder de gerar conexões entre pessoas, da pessoa consigo, como o meio e com o Divino, ativa e integra conhecimentos individuais e coletivos e sentimentos de paz, harmonia e unidade. O corpo e a arte são chaves para criar e agir em coletivo, com base em propósitos comuns”

“Metodologia Integrativa é sensibilidade no pensar e agir criativo frente a um objetivo comum”

“Metodologia Integrativa é um campo epistemológico que estabelece conexões intrapessoais (amor, harmonia, paz) e interpessoais (amor, harmonia, paz, unidade) em prol da construção de objetivos comuns, utilizando a arte como saber criativo,

expresso nos elementos da natureza e na relação do homem com Deus”¹¹

Agora, vamos às definições sobre MI elaboradas pelos estudantes na sala de aula (abril/2012)

“Propiciam a união dos sentidos e do intelecto ...diversas formas de saberes e expressões”

“Novas formas de construção em Grupo ... Favorece o Criar Juntos”

“Metodologias Integrativas são recursos provindos de diferentes racionalidades, que se unem complementando umas as outras, e potencializam a formação de novos conhecimentos, numa lógica de inovação e aprendizados contínuos”

“Favorece o aprendizado e o advento da imaginação para transformar a realidade”

“Formas de reunir subjetividades com harmonia, cores e unicidade, numa convergência e cooperação, para o intuito maior que será a transformação do ser social, na sua beleza maior que é a habilidade de viver em grupo/comunidade, para seu fortalecimento”

“MI é trabalhar, construir ações em conjunto, aprender com o outro, assumindo que todos somos aprendizes, que há várias realidades”

Partindo das convergências, é interessante observar que uma primeira aproximação ao tema, com base no sensível e no intuitivo, possibilita que os grupos destaquem uma série de elementos que caracterizam as MI, conforme encontramos em Gianella (2008) e Gianella e Moura (2009):

- *Trabalham o corpo, a mente; o corpo e a arte; o diálogo e a escuta ativa.*
- *Integram os sentidos e o intelecto; diversas formas de saberes e expressões; diferentes racionalidades.*
- *Propiciam e contribuem para integrar o ser nos âmbitos individual e coletivo; estabelecem conexões entre pessoas e da pessoa consigo; fortalecem os vínculos de cooperação; ativam e integram conhecimentos individuais e coletivos.*
- *Permitem, ainda, elaborar novos conhecimentos; criar e agir em coletivo; e construir objetivos comuns.*

¹¹ Esta última definição foi escrita por uma pessoa ao final da reflexão do primeiro grupo.

É interessante observar, também, que essa mesma trilha de co-criação coletiva contribui para que novos significados emergjam, enriquecendo o conhecimento e a prática das MI. Destacamos a seguir alguns desses novos elementos:

- *Trabalham o espírito, além do corpo e da mente, e resgatam a sabedoria dos círculos.*
- *Propiciam um caminho de integração na teia da vida/na natureza; de integração com o meio e com o Divino; a comunhão com o sagrado, chamando o SER para a Presença no aqui e agora; abrem para espirais de consciência e síntese; conexões intrapessoais (amor, harmonia, paz) e interpessoais (amor, harmonia, paz, unidade)*
- *Geram sensibilidade no pensar e agir criativo, frente a um objetivo comum; e sentimentos de paz, harmonia e unidade.*
- *É um campo epistemológico, um campo de Amor–Sabedoria.*

Com esses pontos deixamos vir à tona, na formação e na gestão social, mais uma dimensão esquecida do humano, a dimensão espiritual, a dimensão sutil que perpassa e é base da nossa existência. Muitos de nós estranhamos quando trazemos esta dimensão nos espaços da tecnociência e, portanto, da educação, da gestão, da política, entre outras. Este estranhamento é compreensível, pois esta dimensão foi negada ou vivida apenas nos espaços privados e religiosos, desde que fizemos a necessária cisão entre ciência e religião no ocidente, lá pelos idos do XVI.

Recentemente, a dimensão do sutil e espiritual vem sendo tocada e reinserida e um novo diálogo fecundo se estabelece, com as contribuições da física quântica, da teoria dos sistemas vivos, da psicologia transpessoal, do movimento da transdisciplinaridade, entre outras abordagens. Assim, a própria ciência tem tocado no que vivenciamos enquanto experiência transcendente (Divino, Espírito, Prana, Chi, Tao ...) e tem evidenciando, conforme Braden (2008, p.43), *“a existência de um campo de energia permeando nosso mundo Liga tudo o que existe ..., afeta-nos de maneiras que só agora principiamos a*

compreender” E, ainda com o autor, “Em vez de considerarmos o campo como algo separado da nossa realidade do dia a dia, o que os experimentos nos dizem é que o mundo visível, na realidade, é a origem do campo... todas as coisas são apenas ondulações do campo” (p.43).

E, ao que parece, deixamos este campo vir à consciência quando nos entregamos, em coletivo, a experiência da respiração, do movimento, da arte e do lúdico. O que chamamos anteriormente de campo de unidade, um campo fecundo para o fluir da intuição e de outros níveis de percepção. Isso, pudemos observar nos grupos com os quais trabalhamos, um processo de co-criação do conhecimento sobre Metodologias Integrativas.

ENCERRANDO A NARRATIVA ...

As percepções intuitivas e as sínteses sobre Metodologias Integrativas, que foram geradas nos grupos, revelam a ponta do iceberg do potencial que temos e vivenciamos. O trabalho a partir do dos círculos, mobilizando o corpo-natureza, a arte e o lúdico, despertam teclas que estavam adormecidas em nossa consciência de humanidade e abrem possibilidades de novas conexões neurais e de integração em vários níveis (do pessoal ao coletivo e com a Teia da Vida).

O poder de harmonização e de pacificação, que podemos experimentar com as Metodologias Integrativas, cria canais para que possamos lidar de forma mais criativa com os conflitos e tensões que presenciamos, com os desafios que encontramos em termos do relacionamento entre pessoas, da escolha dos caminhos a seguir e da sustentabilidade dos projetos e grupos, na sala de aula e em outros âmbitos. Certamente, limitações e paradoxos também se revelam nessa caminhada. Destacamos aqui o que nos parece um corte na passagem dos estados de sensibilização, quietude, alegria e/ou celebração em grupo, para o momento de atribuição de significados/sentidos, integrando os códigos da racionalidade lógica verbal. Parece-nos que a riqueza do que se vivencia e se percebe a partir da intuição e da expressão com símbolos, palavras, cenas, poesia e/ou música, se perde, em parte, quando

adentramos o momento da compreensão intelectual – que tende a se realizar através da associação, correlação, análise crítica e síntese verbal. Seria este um paradoxo entre o sensível e substantivo e o instrumental (a delimitação de objetivos/ações e alcance de resultados) no âmbito da gestão? Esta é uma questão que merece ser aprofundada e, para isso, precisamos recorrer e dialogar com outros campos de conhecimento e teorias, alguns que são afins a gestão social (aprendizagem organizacional, por exemplo) e outros que, ainda, estão distantes (estudos transpessoais, psicologia social, dinâmica de grupos e teoria dos sistemas vivos, por exemplo). Este é um convite para seguirmos adiante com o campo das Metodologias Integrativas na formação e na gestão social.

REFERÊNCIAS

- BRADEN, Gregg. **A matriz divina: Uma Jornada através do Tempo, do Espaço, dos Milagres e da Fé.** São Paulo, Cultrix, 2008.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável.** São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2003.
- GIANELLA, Valeria. Base Teórica e Papel das Metodologias Não Convencionais para Formação em Gestão Social. In. CANÇADO, Aírton et al (orgs). **Os desafios da formação em gestão social.** Palmas, Tocantins: Nesol; UFT; Católica do Tocantins; UNITINS, 2008. p. 11-36, (Coleção ENAPEGS; v. 2).
- Giannella, Valéria; Moura, Maria Suzana. **Gestão em rede e metodologias não convencionais para a gestão social.** Salvador: Editora CIAGS, 2009. v. 2. (Série Editorial CIAGS / Roteiros Gestão Social).
- MOURA, Maria Suzana; MOURA, Solange; CALIL, Monica. Sala em cena: jogos teatrais na formação do/a gestor/a social. **Revista Terceiro Incluído: transdisciplinaridade e educação ambiental.** Goiânia, v.1, n.1, p. 57-74, jan./jun. 2011. ISSN 2237079X. Disponível em: < www.revistas.ufg.br/index.php/teri/article/view/14389>. Acesso em